

2 PEDRO

Introdução

Esboço

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

INTRODUÇÃO

O Escritor. O começo desta epístola, com palavras um pouco diferentes das que foram usadas em I Pedro, declara ser ela da autoria de Simão (Simão é o que se encontra em alguns dos melhores manuscritos; a E.R.C. e E.R.A. diz Simão Pedro; cons. Atos 15:14), "servo e apóstolo de Jesus Cristo" (II Pe. 1:1). Simples e sem afetação, o escritor novamente se identifica com os apóstolos (3:2). Ele está familiarizado com as cartas paulinas e está de pleno acordo com o seu "amado irmão Paulo" (3: 15, 16). Refere-se à transfiguração de Cristo com a sossegada certeza de uma testemunha ocular. Chama esta carta de "segunda carta" (3:1). Declara que a morte violenta profetizada para ele por seu Senhor (Jo. 21:18) está próxima (II Pe. 1:13, 14). Aqui está, ao que parece, uma reivindicação de autoria idêntica a de I Pedro, e certamente uma declaração de identificação com S. Pedro, o apóstolo do Senhor.

Existem dificuldades internas que possam competir o leitor honesto a considerar estas reivindicações como espúrias? Desde os tempos mais remotos os críticos têm chamado a atenção para uma divergência no estilo desta epístola e I Pedro. Em II Pedro há uma falta de simplicidade e naturalidade de expressão que caracterizam I Pedro. O escritor de I Pedro não era, ao que parece, um grego (por exemplo, ele não usa a partícula *an*), mas tinha sem dúvida um gosto pela linguagem correta. O estilo de II Pedro não evidencia esta mesma familiaridade com a língua empregada. Ela contém um menor número de participios do que em I Pedro e não usa a partícula *men*. Esta diferença de estilo levou alguns dos antigos e alguns dos reformadores a duvidarem da autenticidade de

II Pedro. Jerônimo (346/420 AD.), o tradutor da Vulgata, embora aceitasse II Pedro ao lado das outras seis epístolas "católicas" ou gerais (*Epistle to Paulinus*), reconhecia ao mesmo tempo que alguns mestres tinham duvidado de sua autenticidade por causa desta variação de estilo (*Catalogus Scriptorum Ecclesiasticorum*). Em outro lugar (*Epistle to Hedibia*, 120) ele explica esta diferença como o resultado natural do uso que Pedro fez de intérpretes diferentes para as duas epístolas.

No mesmo contexto ele menciona Tito como intérprete de Paulo e que Pedro tenha ditado a Marcos o material do Evangelho que leva o nome deste último. Para alguns que têm um conceito muito literalístico da inspiração, a idéia de tal função editorial de Silas (I Pe. 5:12) prejudica a inspiração e autoridade da carta, apesar de que seja notório que escribas estavam geralmente à disposição dos escritores inspirados (Jr. 36:2, 4; Rm. 16:22; e as observações tradicionais que se seguem a I e II Co., Ef., Fp., Cl. e Fm.). Outros acham que não há aqui nenhuma dificuldade; o Espírito Santo ajudou Silas a escrever como Ele ajudou Pedro a ditar. A grande maioria da igreja histórica assumiu esta última atitude.

Outra questão interna que tem sido premida contra a autoridade petrina desta epístola é a declarada familiaridade do seu escritor com as epístolas paulinas, a qual ao lado da referência à autoridade das cartas de Paulo (II Pe. 3:15,16), é considerada como indicação de que o cânon do N.T. já estava bastante estabelecido por ocasião da composição de II Pedro, parecendo assim aos que defendem este ponto de vista que esta epístola foi muito tardia para ter sido obra do apóstolo.

Tal linha de raciocínio parece realmente gratuito, pois se Pedro chegou a Roma exatamente dois ou três anos depois da chegada de Paulo como prisioneiro, certamente teria uma oportunidade natural de ficar conhecendo as epístolas de Paulo e poderia concebivelmente ter comungado com o próprio Paulo. De qualquer maneira, parece que as evidências de que as cartas de Paulo foram copiadas e circularam de

igreja em igreja imediatamente após serem recebidas, são razoáveis (veja Cl. 4:16).

Mais uma questão interna deveria ser considerada, isto é, a semelhança de certas declarações de II Pedro com declarações de Judas. Três dos paralelos mais importantes são os que se seguem: 1) II Pedro 2:4 e Judas 6 referem-se ao castigo dos anjos decaídos, uma alusão à uma declaração feita no livro apócrifo de Enoque. 2) II Pedro 2:11 e Judas 9 falam da relutância dos anjos em fazer acusações contra Satanás, acrescentando a declaração de Judas, ao que parece, uma alusão à obra apócrifa *Assunção de Moisés*, onde Satanás é representado reclamando o corpo de Moisés. 3) II Pedro 3:3,4 e Judas 17, 18 fala da vinda de escarnecedores nos últimos tempos. II Pedro se refere a eles no futuro. Judas se lhes refere como uma realidade presente, já profetizada pelos apóstolos, de quem Pedro era um, é claro.

O Dr. Charles Bigg (*St. Peter e St. Jude*, págs. 216, 217), que aceita a autoria petrina desta epístola, argumenta convincentemente pela prioridade de II Pedro. É bom ter em mente também que há considerações plausíveis que apóiam uma data precoce da própria epístola de Judas. Confere-se-lhe uma data precoce tal como 65 AD., e aqueles que a colocam em 80 ou 90 A.D. devem contar com a narrativa de Hegesippus (contada por Eusébio) de que dois netos de Judas foram levados diante de Domiciano, que reinou entre 81 e 96 A.D., sendo descritos como homens adultos, lavradores de mãos calejadas, naquela ocasião. Lembre-se de que Judas foi irmão de nosso Senhor. As semelhanças entre II Pedro e Judas não parecem exigir uma data pós-petrina para a primeira.

O que dizer, então, do testemunho externo? Esta epístola não foi diretamente citada pelos Pais da Igreja antes do começo do terceiro século, embora haja possíveis alusões em alguma das obras mais antigas. Eusébio (*Ecclesiastical History* 6.14.1), escrevendo em cerca de 324 A.D. diz que Clemente de Alexandria (que morreu em cerca de 213 AD.) em seu *Hypotyposes* compilou sumários de todas as Escrituras

inspiradas, incluindo aquelas cuja autenticidade era contestada, entre estas as epístolas "católicas" ou gerais.

Orígenes, que morreu em 253 A.D., embora reconhecesse o problema relacionado com II Pedro, aceitava o livro como genuíno. Firmiliano, o amigo e aluno de Orígenes, Bispo de Cesaréia na Capadócia em 256 AD., corrobora fortemente a autoria petrina de II Pedro quando em uma carta a Cipriano ele fala de um Estêvão que "contestava os benditos apóstolos Pedro e Paulo . . . os quais em suas epístolas pronunciaram uma maldição contra os heréticos e advertiu que os evitássemos" (Cipriano, *Letters*, nº 75). É em II Pedro, não em I Pedro, que os heréticos são mencionados.

O próprio Eusébio, comissionado pelo imperador Constantino a fim de preparar cinquenta cópias das Sagradas Escrituras, refere-se a Tiago, Judas e II Pedro como impugnadas embora muito bem conhecidas da maioria dos cristãos.

Jerônimo (cerca de 346-420 A.D.), comentando a questão da autenticidade das epístolas, diz que a dúvida surge por causa da diferença entre o seu estilo e o de I Pedro, e ele oferece a explicação já citada. Ele mesmo aceitava II Pedro e a incluiu em sua versão da Vulgata. Ela foi reconhecida pelo Concílio de Laodicéia (cerca de 372), e foi formalmente reconhecida como pertencendo ao cânon pelo Concílio de Cartago (397).

Esta epístola não se encontra no fragmento muratoriano, uma lista das obras do N.T. que data de cerca do fim do segundo século. Esta lista se encontra mais ou menos mutilada. Conforme a temos atualmente, não faz referência a Hebreus, I ou II Pedro, Tiago, ou III João. Aceita-se que alguns ou todos esses possam estar incluídos nas partes que estão faltando; mas, faltando estes, está claro da história do desenvolvimento do cânon que a lista muratoriana não era aceita pela igreja como final e decisiva.

II Pedro também não se encontra na Bíblia Siríaca chamada Peshita. O Velho Testamento da Peshita foi traduzido muito cedo. O Novo

Testamento é provavelmente o trabalho de Rábula, bispo de Edessa na Síria, de 411 a 435. Esta versão omite II Pedro, II e III João, Judas e o Apocalipse. É inteiramente possível que o Novo Testamento anterior da igreja siríaca omitisse todas as sete epístolas "católicas".

Alguns consideram a possibilidade de que por causa da ênfase prática e disciplinária dessas epístolas gerais, elas tenham sido consideradas como "a-paulinas" numa região onde o nome de Paulo era tido em alta estima por causa de sua participação pessoal na igreja de Antioquia, e por causa de sua luta para libertar os crentes gentios das leis judias no concílio de Jerusalém. Outros supõem que a inclusão de referências à obras apócrifas em algumas das epístolas gerais pode ter causado sua rejeição pelos cristãos da igreja síria, que eram particularmente alérgicos aos extremos da angelologia judia refletida em alguns dos livros apócrifos.

Talvez devamos mencionar os argumentos do mestre britânico Joseph B. Mayor (*The Epistle of St. Jude and the Second Epistle of St. Peter*), que considera I Pedro como a obra do apóstolo cujo nome leva, mas afirma que II Pedro é espúria.

Ele baseia sua opinião sobre evidências internas e não externas. Depois de fazer críticas às evidências externas, com suas referências admitindo os prós e os contras à aceitação da epístola como genuína, Mayor resume dizendo, "Se nada mais tivéssemos para decidirmos a questão da autenticidade de II Pedro, exceto as evidências externas, estaríamos inclinados a pensar que temos nessas citações, terreno para considerarmos que Eusébio estava justificado em sua declaração de que a nossa epístola "tendo parecido útil a muitos, foi aceita ao lado de outras escrituras" (*op. cit.*, pág. cxxiv; nossa tradução).

Mayor apresenta um minucioso estudo das diferenças de vocabulário e faz uma lista de 369 palavras usadas em I Pedro e não em II Pedro, e 230 palavras usadas em II Pedro e não em I Pedro. Ele encontra palavras mais ou menos sólidas (praticamente só substantivos e verbos) usadas em ambas as epístolas. Então ele, surpreendentemente,

parece estabelecer um argumento contra a autoria comum, dizendo que "o número de concordâncias é de 100 se opondo a 599 discordâncias, isto é, seis vezes o primeira" (*op. cit.*, pág, lxxiv).

Como poderia alguém esperar a possibilidade de uma coincidência maior de vocabulário em duas curtas epístolas, escritas com intervalo de diversos anos, com temas diferentes, situações e circunstâncias distintos? É o raciocínio do silêncio em um grau muito precário. Certamente duas curtas epístolas como estas não poderiam limitar o vocabulário de um homem inteligente. O próprio fato de que um sexto das palavras são usadas em ambas as epístolas certamente inclinarão muitas pessoas a argumentar a favor, e não contra, a autoria comum.

Ele faz um exame muito erudito da gramática e estilo das duas epístolas, um setor no qual a divergência tem sido um assunto digno de nota deste os tempos antigos, e sobre o qual já comentamos. A conclusão de Mayor é medíocre: "Não existe entre elas o abismo que alguns tentam abrir" (*op. cit.*, .pág. civ). Novamente, "A diferença de estilo é menos marcada do que a diferença no vocabulário, e menos marcada do que a diferença em substância, enquanto que acima de tudo paira a grande diferença em pensamento, gosto e caráter, resumindo, em personalidade". Poderia se apartear que diferenças na substância do assunto, pensamento e gosto nem sempre refletem diferença de personalidade. A mesma personalidade, com diferentes propósitos, pode escrever com grande variação de disposição e substância.

Mayor parece, então, colocar o peso decisivo do seu julgamento na diferença de sentimentos entre as duas epístolas – coisa muito precária, uma vez que os sentimentos de um homem podem variar grandemente de uma ocasião para outra, tendo em vista um grande número de motivos. Começando à página lxxvi da sua Introdução, ele trata da questão das reminiscências da vida de Cristo que devem ser notadas em I e II Pedro. Ele observa que II Pedro as tem em número menor e que são "de uma natureza íntima muito menos intensa do que as encontradas em (I) Pedro" (*op. cit.*, pág. lxxvii). Então ele prossegue discutindo

generalizadamente o espírito meigo de I Pedro que contrasta com II Pedro, à qual ele diz, "falta esta intensa simpatia, aquela chama de amor, que destacam I Pedro".

Mayor continua com esse mesmo tipo de crítica nas referências das duas epístolas à Segunda Vinda e ao dilúvio de Noé. Mas não. seria de esperar tudo isso à vista dos diferentes propósitos das duas epístolas? I Pedro conforta aqueles que estão sofrendo; II Pedro adverte os crentes sobre os perigos espirituais e exorta-os à santidade. Naturalmente o tom da primeira é terno; da última, impressionante. O que causa admiração é que tais diferentes objetivos prendem-se aos mesmos fatos básicos – a centralidade de Cristo e a certeza de Sua segunda vinda. Deste grande acontecimento futuro o crente sofredor recebe esperança, e o apóstata em potencial, advertência.

Quanto à menção do dilúvio de Noé em I Pedro (3:20) com ênfase sobre a misericórdia de Deus e em II Pedro (2:5; 3:6) com ênfase sobre o juízo de Deus (embora II Pedro 2:5 também diga que Deus "guardou a Noé"), isto também se encaixa admiravelmente nos diferentes propósitos acima mencionados. E o fato de que a mesma ilustração serviu em suas diferentes facetas tende a confirmar a identificação da autoria das duas epístolas, em vez do contrário.

Mayor é muito honesto em apresentar o quadro inteiro. Ele prossegue observando, sem qualquer comentário desprezivo, a concordância entre I e II Pedro referente à palavra profética falada e escrita, fazendo ver que nisto elas concordam intimamente com as palavras de Pedro em Atos 3:18-21 e de Paulo em Atos 26 : 22, 23. Ele dá atenção também à íntima relação de I e II Pedro na sua idéia sobre o crescimento cristão (I Pedro 2:2; II Pedro 3:18). Termina-se o comentário de Mayor sobre a autoria de I e II Pedro como sentimento de que este mestre corroborou mais do que enfraqueceu a reivindicação de II Pedro quanto a sua autoria apostólica.

Por que, então, Mayor rejeita esta reivindicação? Não se pode fugir à impressão de que a sua posição foi ditada em larga escala pelo

consenso crítico dos mestres do Novo Testamento e especialmente pela conclusão do Dr. F. H. Chase, que ele conhecia pessoalmente e citava com frequência, e cujos artigos sobre Pedro e Judas no HDB ele intitula de "consideravelmente a melhor introdução que conheço sobre as duas epístolas aqui tratadas" (*op. cit.*, pág. vii).

Basta dizer que nestas considerações, parece não existir motivos fortes para não aceitarmos a reivindicação de II Pedro ser da autoria do apóstolo, cujo nome leva.

O Tempo e o Lugar em que Foi Escrita. Muito possivelmente a epístola foi escrita aos cristãos da Ásia Menor (3:1) enquanto ainda tinham I Pedro em suas mentes. Se aceitarmos que I Pedro foi escrita em Roma em cerca de 64 A.D., parece razoável considerar que II Pedro foi escrita em Roma lá pelo fim do reinado de Nero, digamos em 67 A.D.

A Mensagem da Epístola. A preocupação específica do coração de Pedro nesta ocasião parece que era o desenvolvimento de um espírito de anarquia e antinominianismo nas igrejas, e também uma atitude de ceticismo quanto à segunda vinda de Cristo. Há quem ache que os falsos mestres descritos na epístola eram representantes da heresia gnóstica nos seus primeiros estágios.

Mas ainda que grandemente preocupado com a ameaça desses falsos mestres, e embora dando certa ênfase a este assunto, o apóstolo percebia que a necessidade básica dos seus leitores era a edificação espiritual e o poder que os tornava superiores diante de tais perigos. Ele, portanto, começa e termina a sua carta estimulando a conquista espiritual, inserindo suas advertências contra os falsos mestres no capítulo do meio entre os três.

ESBOÇO

Tema: A urgência da conquista espiritual.

Versículo-chave: II Pedro 3:18.

- I. Pedro insiste com seus leitores a que avancem pela graça. 1:1-21.
 - A. Saudações e oração pelo seu avanço espiritual. 1:1, 2.
 - B. Lembrete da realidade presente de sua herança espiritual. 1:3, 4.
 - C. Desafio a que insistam nas amplas implicações de sua herança. 1:5-11.
 - D. Pedro sente a responsabilidade de desafiá-los assim. 1:12-21.
 - 1. Porque necessitam de motivação intensificada. 1:12.
 - 2. Por causa da iminência de sua partida. 1:13-15.
 - 3. Por causa da completa autenticidade do Evangelho. 1:16-21.
- II. Pedro adverte contra os perigos dos falsos mestres. 2:1-22.
 - A. A inevitabilidade dos falsos mestres. 2:1-3a.
 - B. O julgamento dos falsos mestres. 2:3b-9.
 - C. As características dos falsos mestres. 2:10-22.
 - 1. Sua auto-indulgência e impudência carnal. 2:10-12.
 - 2. Sua perversão da sociabilidade cristã. 2:13.
 - 3. Sua instabilidade moral. 2:14.
 - 4. Suas motivações grosseiramente egoístas. 2:15, 16.
 - 5. Sua esterilidade e pestilência espiritual. 2:17-19.
 - 6. Sua apostasia básica. 2:20-22.
- III. A segunda vinda de Cristo é um imperativo na conquista espiritual. 3:1-18.
 - A. A vinda de Cristo em glória anteriormente mencionada aos leitores. 3:1, 2.
 - B. A Segunda Vinda, um objeto de ceticismo. 3:3-9.
 - C. A Segunda Vinda será catastrófica. 3:10.
 - D. Um incentivo à vida santa. 3:11-18a.
- IV. A bênção apostólica. 3:18b.

2 Pedro 1

I. Pedro Insiste com Seus Leitores a que Avancem Pela Graça. 1:1-21.

A. Saudação e Oração Pelo Seu Avanço Espiritual. 1:1, 2.

1. Simão (Symeon) Pedro, servo (escravo) e apóstolo de Jesus Cristo. Esta epístola apresenta claramente que foi escrita pelo apóstolo Pedro. O título, **servo e apóstolo**, ilustra bem a legra de Cristo: "O maior de entre vós será vosso servo" (Mt. 23:11). **Aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa.** A expressão **igualmente preciosa** (no original uma só palavra significa exatamente isso) faz-nos imediatamente lembrar das palavras relacionadas que foram usadas em I Pedro com o significado de "precioso", "em honra", "preciosidade ou honra" – exatamente uma das indicações da continuidade entre as duas epístolas. Harnack, embora negando a autoria petrina de ambas as epístolas, I e II Pedro, defende que a pessoa que escreveu II Pedro também escreveu o começo e o final de I Pedro. O apóstolo aqui confere grande valor à fé, e por que não? Ela é "a moeda do reino" de Deus. O escritor encontra a base da fé e a sua obtenção pelos homens na **justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo**. É claro que isto constitui o fundamento de todo o universo ético. Não é uma justiça teórica e jurídica apenas, mas uma justiça afável, amorosa e providencial que encampa todo o plano redentor de Deus. É apenas "na justiça de Deus" que a fé se torna possível. E, novamente, é por meio desta fé, cada vez mais exercitada, que a justiça de Deus se revela (Rm. 1:17).

2. Graça e paz vos sejam multiplicadas. A mesma saudação usada em I Pedro, uma saudação caracteristicamente cristã (veja comentário sobre I Pedro 1:2).

No pleno conhecimento de Deus e de Jesus nosso Senhor. O uso aqui da palavra grega *epignosis* ("conhecimento preciso e correto" – Thayer) é interessante. Esta epístola contém forte advertência contra os

falsos mestres. Alguns concluem que tenham sido os gnósticos, e usam este argumento para colocar II Pedro em uma data pós-apostólica, isto, durante o segundo século, quando a controvérsia gnóstica estava no seu auge. Outros, tais como Bigg, não encontram na epístola indicação certa da apologética antignóstica. Talvez saia um razoável meio termo. Certamente o gnosticismo constituiu um verdadeiro problema nos tempos apostólicos na Ásia Menor, conforme testemunha a carta de Paulo aos colossenses, dirigida grandemente a esta insipiente heresia. A palavra chave de Colossenses é o grego *epignosis*, "conhecimento preciso e correto", geralmente relacionado com Deus ou Cristo (Cl. 1:9, 10; 2:2; 3:10). Os gnósticos defendiam um sistema de doutrina altamente intrincado e extra-escritural, dando atenção aos anjos e práticas ascéticas, tendendo a aviltar a divindade de Cristo, e também admitindo que seus iniciados possuíam sabedoria superior. A carta aos colossenses desde o começo exalta Cristo, o centro de "toda sabedoria e conhecimento", inteiramente identificada com Deus. Esta apologética foi sem dúvida partilhada pelos outros apóstolos, e pode bem refletir-se aqui (como em II Pe. 1:3, 8; 2:20).

B. Lembrete da Realidade Presente de Sua Herança Espiritual. 1:3, 4.

3. Visto como pelo seu divino poder nos tem sido doadas todas as cousas. Exatamente como Pedro começou sua primeira carta, cujo alvo era encorajar os cristãos em seus sofrimentos, lembrando-os de sua grande riqueza espiritual, seu interesse em permanecerem firmes, ele também começa a presente epístola, pretendendo prepará-los contra plausível falsa doutrina. Aqueles que são espiritualmente ricos têm muito a perder através da revolução ou deserção. **Pelo conhecimento completo daquele.** Para um cristão, conhecer Cristo é vida em si (cons. Jo. 17:3). **Que nos chamou.** Novamente, como em I Pedro (por exemplo, 1:2) o apóstolo lembra seus leitores de que são um povo escolhido. **Para a própria glória e virtude** (significando geralmente excelência). O original aqui parece exigir o significado de *por sua própria glória e*

virtude. Ambas as traduções são possíveis e significativas. É pela glória e excelência de Cristo que somos atraídos, e são novamente o produto final da vida cristã.

4. Pelas quais (*através das quais*, isto é, através da glória e virtude). A glória e excelência de Cristo, reproduzidas no caráter dos santos, e assim oferecidas Àquele de quem são, constituem o alvo todo inclusivo da vida cristã. Nosso alvo se refere ao caráter: "Seremos semelhantes a ele" (I Jo. 3:2). E neste alvo estão incluídas todas as coisas dignas (cons. Mt. 6:33). **Nos têm sido doadas.** Não a palavra costumeira para "dar", mas uma palavra mais rica e munificente, "dotar", "suprir com uma herança". **Preciosas e mui grandes.** Literalmente, *as preciosas e maiores*. Observe novamente a palavra "precioso", tão proeminente em I Pedro. **Promessas.** Não o termo usual indicando uma sossegada aquiescência particular, mas uma palavra heráldica implicando em uma proclamação enfática e pública - uma palavra muito confortadora para aqueles a quem se refere. **Co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção, das paixões que há no mundo.** Com base nestes publicamente declarados compromissos divinos, o crente se toma um participante do mais rico de todos os tesouros, a natureza e vida de Deus. "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Rm. 8:9). Esta nova vida do Espírito não é nada além de "Cristo em ti". Exige submissão, obediência, vida (Gl. 5:25). Esta nova vida liberta-nos da morte-vida da escravidão aos desejos carnis (Rm. 8:11-13).

C. Desafio a que Insistam nas Amplas Implicações de Sua Herança. 1:5-11.

5-7. Por isso mesmo, vós . . . associai. Pedro insiste com esses jovens crentes a que prossigam passo a passo na graça divina. Ele lhes diz que coloquem toda diligência no seu andar na graça.

Associar com a vossa fé a virtude. "Em vossa fé adquiram um amplo suprimento de excelência (cristã) básica". Esta excelência é a qualidade de alguém que diligentemente pratica os rudimentos básicos e

as implicações de sua chamada. Ele insiste com os cristãos a que acrescentem **conhecimento** à virtude. Aqui está o crescimento em conhecimento através do estudo e da experiência. A seguir vem o **domínio próprio** (autocontrole). Esta é a disciplina do soldado cristão com a ajuda do Espírito. Então vem a **perseverança**, a capacidade de um veterano de ver através das pressões atuais à vista dos recursos conhecidos. À perseverança o cristão acrescenta **piiedade** (gr., *eusebeia*), um espírito de reverência e deferência para com Deus em todos os assuntos. À reverência ele acrescenta a **fraternidade** (gr., *philadelphia*). Deferência para com Deus e revestimento do Seu amor é a única base para a genuína bondade altruísta com referência ao próximo. Após a fraternidade o **amor** (gr., *agape*, "amor divino", como em I Co. 13) é a busca do cristão. Seria incorreto colocar essas lindas graças em compartimentos que só pudessem ser atingidos nesta ordem. Não, sua apresentação aqui parece observar uma ordem do mais elementar para o mais avançado, mas todas elas são facetas da operação do Espírito na vida de um crente, aspectos da glória do Cristo que habita no crente, Seu caráter exibido no caráter do cristão.

8,9. Porque estas coisas existindo em vós e em vós aumentando.

A palavra traduzida para **existindo** significa "ficar debaixo como fundamento ou base". Isto está implícito na regeneração, na presença do Espírito no coração. Mas a questão do "abundar" implica em crescimento cristão e plenitude do Espírito ou controle completo conforme experimentado pelos crentes no Pentecostes e desde então.

Inativos, nem infrutíferos. O fruto do Espírito, se compreendermos devidamente, é o caráter de Cristo realizado no cristão. Na descrição deste fruto em Gl. 5:22, 23, o amor divino (*agape*) foi mencionado em primeiro lugar; e as outras graças, sete ao todo, ficaram subordinadas a ele. Estão intimamente relacionadas em espírito e caráter à lista que Pedro fez acima. Em Cl. 3:14 Paulo menciona o amor divino em último lugar como um resumo que abrange todas as graças, mais ou menos como fez Pedro. O Pai é glorificado conforme o crente vai

produzindo mais fruto (Jo. 15:8). **No pleno conhecimento de nosso Senhor.** Antes, *para o conhecimento precioso e correto de nosso Senhor.* Esta é uma declaração da direção na qual a conquista do cristão se dirige. Então menciona-se a alternativa. É cegueira e miopia espiritual, e um senso enfraquecido de realidade e vida espirituais.

10. Procurai (ocupem-se em) com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição. Eis aqui uma responsabilidade pessoal com referência à vocação e escolha que Deus fez deles. **Procedendo assim** (continuadamente), **não tropeçareis em tempo algum.** A obediência não é opcional sob qualquer aspecto ligado à segurança do cristão.

11. Pois, desta maneira é que vos será amplamente (ricamente) suprida a entrada. Aqui está uma insinuação de que a sociedade celestial não será desprovida de classes. A boa mordomia das riquezas de Cristo produzirá juros eternos. O cristão, recebendo riquezas através da provisão de Cristo, investe e acumula riquezas futuras (cons. I Tm. 6:19).

D. Pedro Sente a Responsabilidade de Desafiá-los. 1:12, 21.

12. Sempre estarei pronto para trazer-vos lembrados... embora estejais certos da verdade ... e nela confirmados. O sentido no grego é o seguinte, "Eu tenciono relembra-los sempre". Mesmo onde existem o conhecimento e a determinação, há necessidade de motivação e exortação.

13-15. Enquanto estou neste tabernáculo. Cristo, na incumbência que deu a Pedro depois da ressurreição, deu a entender que o apóstolo morreria como mártir (Jo. 21:18). Provavelmente é a isto que Pedro se refere no versículo 14. Um senso da brevidade do seu mandato aumenta o peso do seu senso de responsabilidade diante de seus leitores. **Depois da minha partida.** As epístolas de Pedro serviriam para alongar seu cuidado e seus conselhos em benefício dos seus irmãos.

16-18. Não vos demos a conhecer ... fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua

majestade. A autenticidade do testemunho apostólico instiga esta reiteração. Pedro fala aqui de um ministério anterior junto a essas pessoas. Pode ser uma referência ao seu sermão no Pentecostes, quando algumas estavam presentes, ou pode se referir ao seu trabalho entre elas na Ásia Menor. **Este é o meu Filho amado.** Esta referência à cena da Transfiguração pode muito bem significar uma reprimenda aos falsos mestres que, se Colossenses descreve uma situação paralela, inclinavam-se à adoração dos anjos, reduzindo assim a preeminência de Cristo. Uma vez que só Pedro, Tiago e João estavam presentes com Cristo no monte, isto também constitui um reforço da reivindicação à autoria petrina para a epístola.

19-21. E temos assim tanto mais confirmada a palavra profética. Colocado ao lado do que foi dito no versículo 21, a referência destes versículos parece ser às Escrituras do V.T. É um espantoso tributo à validade das Escrituras Sagradas, que Pedro declare, que sejam mais dignas de crédito do que uma voz do céu ouvida com os ouvidos naturais. Por implicação, aqui está uma censura àqueles mestres que indo além das Escrituras criam *artificialmente* teorias místicas. **Homens (santos) falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo, ou falaram da parte de Deus, sendo sustentados pelo Espírito Santo.** Esta passagem lembra muito o comentário sobre inspiração profética registrado em I Pe. 1:10-12, outro laço entre as duas epístolas.

2 Pedro 2

II. Pedro Adverte Contra o Perigo dos Falsos Mestres. 2:1-22.

A. A Inevitabilidade dos Falsos Mestres. 2:1-3a.

1-3a. Assim também haverá entre vós falsos mestres. Tendo acabado de mencionar os profetas que falaram da parte de Deus, Pedro se refere ao fato de que estes enfrentaram a oposição dos falsos profetas. Ele adverte os crentes (mais ou menos como em Atos 20:29, 10; I Tm.

4:1-6; II Tm. 3:1-5 – ainda que o erro aqui parece que era no setor da vida e não de doutrina – I Jo. 2:18-20; e Judas 3 e segs.) contra os falsos mestres que talvez o apóstolo já soubesse operando em certos setores da igreja. Estes negariam **o soberano Senhor que os resgatou**; alcançariam seguidores e lançariam uma sombra sobre **o caminho da verdade**. Seu propósito seria mercenário; seriam motivados por avareza.

B. O Julgamento dos Falsos Mestres. 2:3b-9.

3b. Para eles. . . o juízo . . . , não tarda. Aqui parece haver uma intimação de que os deliberados e obstinados heréticos ultrapassaram o período probatório do possível arrependimento. Seu destino agora era inexorável.

4. Se Deus não poupou a anjos quando pecaram. Pedro, bem no início de suas considerações sobre os falsos mestres, apresenta um quadro do Deus do juízo. Serve como encorajamento aos fiéis e também de advertência a qualquer um que esteja inclinado à apostasia (cons. vs. 7-9 abaixo). **As cadeias da escuridão** (E.R.C.). A tradução **abismos das trevas** (E.R.A.) (gr., *sirois* ou *seirois* em vez de *seirais*) parece a melhor. Embora pareça que Pedro esteja se referindo ao apócrifo Livro de Enoque, com sua elaborada discussão sobre o pecado dos anjos caídos, o juízo que lhes está reservado, e finalmente o próprio juízo (este versículo parece refletir Enoque 21), continua ausente, entretanto, essa teorização bastante louca e questionável, e intromissão de conceitos não espirituais que está evidente, até para o leitor desavisado, no livro de Enoque.

5. E não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé. Outra referência à severidade, como também à bondade de Deus.

6-8. Reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, ordenou-as à ruína completa ... e livrou o justo Ló. Ainda outra ilustração da judicatura de Deus sobre a Sua criação. Esta referência à infelicidade de Ló com os acontecimentos relacionados com a sua escolha de Sodoma por residência, por causa de sua lealdade básica a Deus, quer seja considerada como um reflexo da tradição antiga, quer

seja revelatória, é um interessante suplemento ao quadro que o V.T. dá desse patriarca.

9. O Senhor sabe livrar . . . e reservar sob castigo. Enquanto nos exemplos usados, Pedro demonstra mais interesse pela condenação divina dos maus do que pela sua vindicação dos justos (isto por causa de sua preocupação com os falsos mestres), nesta recapitulação final ele acrescenta em primeiro lugar a misericórdia divina para com os seus, para conforto dos leitores. A epístola de Judas é um paralelo muito achegado à presente discussão dos falsos mestres e seu castigo. Pedra fala de suas atividades como coisa iminente ("haverá também falsos doutores", 2:1); Judas trata do assunto como coisa presente ("porque se introduziram alguns", Judas 4).

C. As Características dos Falsos Mestres. 2:10-22.

10-12. Aqueles que seguindo a carne, andam ... menosprezam qualquer governo. O quadro é de auto-indulgência e impudência carnis. **Não temendo difamar autoridades superiores, ao passo que ... anjos ... não proferem contra elas juízo.** Pedro adverte contra palavras precipitadas e autoconfiantes, mesmo quando relacionadas com os poderes do mal. Sua referência aos anjos é paralela a de Judas 9, que parece refletir uma luta entre Miguel e o diabo, narrada na *Assunção de Moisés*, uma obra apócrifa conhecida entre os judeus. A referência de Pedro é discreta, levando alguns mestres da crítica a pensarem que II Pedro seguiu-se à referência mais específica em Judas. Bigg acha o contrário, sentindo que a declaração de Pedro foi suficiente para o seu propósito, e que a de Judas veio um pouco depois, particularizando-a. **Falando mal daquilo em que são ignorantes.** Sua auto-suficiência emparelhava com a sua ignorância. Isto faz lembrar a referência de Cl. 2:18. A característica dos mestres da crítica liberal moderna, que mis espanto causa, é a confiança absoluta que têm em suas próprias conclusões, com base em evidências triviais e envolvendo desvios

tremendamente importantes dos princípios mantidos durante séculos pela igreja histórica.

13. Eles se regalam nas suas próprias mistificações. Pedro fala de um abuso da sociabilidade cristã. Sempre ávidos de um bom jantar, eles transformam essas ocasiões em oportunidade para uma alegria imprópria e persistentes ensinamentos falsos. A referência que Judas faz às refeições em comum que os cristãos realizavam nas "festas de amor" (lit., "vosso amor" ou "ocasiões de amor", Judas 12) apresenta um padrão completamente diferente.

14-16. Tendo olhos cheios de adultério. Aqui está um quadro da instabilidade moral que encontra na igreja de hoje uma enorme constatação.

Tendo coração exercitado na avareza . . . seguindo pelo caminho de Balaão. É coisa sabida que a avidez pela remuneração financeira e o desejo de dirigir uma igreja grande e popular tem levado muitos profetas modernos a abandonar *o caminho direito* e a seguir o **caminho de Balaão**. E mesmo nos círculos evangélicos, uma preocupação excessiva pelo lucro financeiro, ou falta de cuidado no uso dos fundos, tem invalidado a obra de alguns príncipes do púlpito cujas palavras eram irresistivelmente poderosas.

Um mudo animal de carga . . . refreou a insensatez. À luz dos resultados eternos, o triste desatino de tal perversão de propósito provoca o desprezo até dos mais simples. Lembre-se de que o jumento teve a permissão de ver aquilo que fugia à visão míope de Balaão, "o vidente" (Nm. 22:25).

17-19. Fonte sem água. A condenação básica da falsa doutrina é sua completa esterilidade espiritual. É este aspecto do movimento conhecido por "liberalismo religioso" que tem levado grande número de pessoas espiritualmente famintas a abandonarem igrejas friamente formais. Finalmente também deu lugar à deserção do "liberalismo" até pelos intelectuais e eruditos. Esta deserção, conhecida como a "neo-

ortodoxia", é um movimento reacionário que, triste é dizer, continua negando a plena autoridade das Escrituras.

Prometendo-lhes liberdade ... escravos da corrupção. Os teólogos de meio século atrás bebiam sedentamente do intoxicante vinho da liberdade da autoridade das Escrituras e até mesmo de Deus. Dizia o Prof. Walter Rauschenbusch, "A pior coisa que poderia existir para Deus seria Ele permanecer um autocrata quando o mundo se dirige para a democracia. Ele seria destronado com os demais" (*Theology of the Social Gospel*, pág. 178). Dizia o Prof. Hugh Hartshome, "Nós já não seguimos os padrões éticos que emanam de autoridades estabelecidas, quer da igreja, do estado, da família, das convenções sociais, ou sistema filosófico" (*Jour. of Ed. Soc.*, Dec., 1930, pág. 202). Atualmente a nação enfrenta uma tremenda colheita do crime e da delinqüência que prolifera. Os falsos mestres descritos por Pedro, foram eles mesmos exemplos da servidão espiritual (cons. Jo. 8:34).

20-22. Melhor lhes fora nunca tivessem conhecido. Este é um solene tributo da terrível responsabilidade da apostasia, e constitui uma advertência implícita aos crentes para permanecerem firmes.

2 Pedro 3

III. Segunda Vinda de Cristo, um Imperativo na Conquista Espiritual. 3:1-18.

A. A Vinda de Cristo em Glória Anteriormente Mencionada aos Leitores. 3:1,2.

1. A segunda epístola. Muito naturalmente considerada uma referência à I Pedro. **Procuró despertar com lembranças a vossa mente esclarecida.** Literalmente, *com um lembrete eu desperto vossas mentes puras*. A palavra **pura** (gr., *eilicrines*), embora de discutida origem, provavelmente significa "julgada pelo sol", como um vaso que, quando colocado contra o sol, não revela falhas escondidas. Como tais

falhas costumavam ser escondidas por meio de hábeis remendos com cera, a palavra foi em outro lugar (Fp. 1:10) traduzida para "sincero" (lat., *sine cera*, "sem cera"). Alguns, pelo contrário, acham que a palavra se refere ao peneiramento, como o de grãos.

2. Santos profetas. . . vossos apóstolos. Pedro declara uma continuidade e congruência com o testemunho das Escrituras do V.T., a principal autenticação para a genuína pregação cristã na era apostólica, e também com o testemunho de seus companheiros, os apóstolos. Esta declaração natural e incidental – como se o escritor já soubesse que é do conhecimento de todos os seus leitores – é uma forte confirmação da autoria petrina desta carta. A Segunda Vinda era um assunto grandemente apreciado pelo apóstolo. Ele sublinha a exortação e o encorajamento de sua primeira carta (por exemplo, I Pe. 1:5, 7, 10-13; 4:7, 13; 5:1, 4). Ele sabia que os seus leitores estavam familiarizados com esta verdade.

B. A Segunda Vinda, Objeto de Ceticismo. 3:3-9.

3,4. Virão escarnecedores ... Onde está a promessa da sua vinda? Pode-se debater sobre se esta é mais uma referência aos falsos mestres do capítulo 2, ou simplesmente uma declaração de que a demora da volta de Cristo levaria muitos a se afastarem e até mesmo a zombarem da gloriosa esperança da Igreja.

5,6. Deliberadamente esquecem. Literalmente, *isto deixou de ser percebido deliberadamente*. Um caso de cegueira judicial. Eles não queriam que a coisa fosse verdade. **Pela palavra de Deus.** Pedro retorna à segurança e estabilidade da palavra de Deus conforme comprovada na criação. Literalmente, *ela consistia na (ou pela) palavra de Deus. Pelas quais* (gr., *coisas através das quais*, isto é, através da palavra de Deus e do dilúvio) **veio a perecer o mundo daquele tempo.** A palavra do juízo divino, como a Sua palavra criativa, foi final.

7. Ora, os céus que agora existem, e a terra, pela mesma palavra têm sido entesourados. A promessa do juízo abrasador de Deus sobre

os pecadores e sobre o mundo deve ser aceita com respeito. As obras apócrifas anteriores à era cristã entraram em consideráveis detalhes sobre este assunto. Nosso Senhor, quando estava na terra, falou de um destino terrível para o pecador (por ex. Lc. 16:24).

8,9. Que, para o Senhor, um dia. Agora Pedro chega ao ponto que tinha em mente, isto é, que a demora da volta de Cristo, mencionada pelos céticos, não é base adequada para se duvidar da Sua vinda. Isto já foi insinuado quando se referiu ao dilúvio do tempo de Noé. O dilúvio também levou muito tempo para chegar, e sua plausibilidade foi subestimada pelo povo daquele tempo; mas ele veio, exatamente como Deus disse que viria. Esta é a terceira referência que Pedro faz a Noé (I Pe. 3:20; II Pe. 2:5), outra indicação excelente da unidade entre I e II Pedro. Os comentários de Pedro sobre a equivalência de um dia e mil anos para Deus, é uma linda declaração da eternidade de Deus, Sua superioridade às limitações do tempo e espaço (cons. Sl. 90:4). E é excitante pensar em como esse conceito reduz o período da espera de Sua volta. Os anos de nossa peregrinação aqui passam rapidamente. Mas, então, quando "estamos com o Senhor" e livres das limitações de tempo e espaço, não passa de um ou dois dias - mesmo calculados a partir dos tempos apostólicos - até que o Seu reino venha com todas as suas alegrias. **Que todos cheguem ao arrependimento.** A delonga de Deus tem um propósito redentor; Sua vontade básica é que todos abandonem os seus pecados e se voltem para Ele.

C.A Segunda Vinda Será Catastrófica. 3:10.

10. Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor. Apesar de toda a aparente delonga, a palavra de Deus será novamente comprovada válida. Aquele dia há de vir. A visita súbita, jamais esperada do arrombador noturno é o símile favorito de Cristo, adotado pelos seus apóstolos. **Os elementos se desfarão abrasados; também a terra, e as obras que nela existem serão atingidas.** Aqui pode haver uma outra alusão ao Livro de Enoque, com sua descrição das "montanhas dos sete

metais" e sua destruição. Parece que os judeus religiosos de um modo geral aguardavam que houvesse uma final e abrasadora purificação da terra. É claro que isto vai além das referências bíblicas ao Milênio.

D. Um Incentivo à Vida Santa. 3:11-18a.

11,12. Deveis ser tais como. Exatamente como em sua primeira epístola (1:14-16), Pedro usa aqui o tema da esperança apocalíptica do cristão como poderoso incentivo à santidade. **Esperando e apressando a vinda do dia de Deus.** Que quadro para "todos quantos amam a sua vinda"! (cons. II Tm. 4:8). Não como aqueles que têm pavor desse dia, aqueles que, quando forem tomados de surpresa, pedirão às rochas e aos montes que os escondam (Ap. 6:15-17), o cristão o aguarda com ansiedade. As palavras **apressando a vinda do dia de Deus** também são passíveis desta tradução, *apressando a vinda...* Aqueles que ajudam a expandir a obra redentora de Deus podem com toda razão achar que são cooperadores em seu desfecho.

13. Esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça. Este tem sido o tema dos profetas (por ex., Is. 2:4; 11:6-9; Mq. 4:1-5); isto é **segundo a sua promessa.** Foi uma esperança e uma visão partilhada por Abraão e os patriarcas (Hb. 11:10). É o que transforma os cristãos de todos os tempos em "peregrinos e estrangeiros". Compare com a menção que Paulo faz disto em Rm. 8:19, 25. Como Ló em Sodoma, o cristão só pode gemer diante do pecado que prevalece e os seus resultados. O nome concedido a Jeová pelo Israel milenial era Jeová-Tsidkenu "O Senhor, Justiça nossa".

14. Por essa razão ... esperando estas coisas. Uma insistência repetida da esperança do cristão como motivação para uma vida cuidadosa e santa. **Empenhai-vos** pode ser traduzido para *ocupem-se.* **Paz** e santidade estão associados em Hb. 12:14.

15. E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor. Paulo insiste com seus leitores sobre a razoabilidade da delonga divina, um tema já mencionado antes, no versículo 9. Deus aguarda poder

conceder a Sua graça. **Como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu.** Pedro conhecia as cartas paulinas, embora fossem contemporâneas das suas. Não há razão para se interpretar esta declaração como indicação de que o cânon do N.T. já estivesse começando a se formalizar quando isto foi escrito. A frase **nosso amado irmão** parece naturalmente se referir a um contemporâneo.

16. Que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras. Pedro se refere àqueles que fazem cavilações sobre a autoridade das obras paulinas, considerando-as espiritualmente sem fundamento e indignas de crédito. O apóstolo concede às cartas deste homem que foi seu contemporâneo e que já o criticou, um lugar entre as demais obras sagradas. Compare com as declarações do próprio Paulo de que suas injunções quando foram escritas eram mandamentos divinos (I Co. 14:37; I Tm. 6:3).

17. Acautelai-vos; não suceda que . . . descaiais da vossa própria firmeza. Uma repetida e final advertência à fidelidade. Seu conhecimento antecipado deu-lhes uma vantagem. Saber de antemão é prevenir-se (cons. I Ts. 5:4). Mas havia perigo real em serem envolvidos e **arrastados pelo erro desses insubordinados.**

18a. Antes, cresci na graça. A vida não é estática. Temos de avançar para não retroceder. Pedro termina com a mesma nota do começo desta epístola (1:5-11), isto é, um desafio à conquista espiritual através do **conhecimento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.** Conhecê-LO é viver; crescer nessa. amizade é crescer no Espírito (cons. Fp. 3:10).

IV. A Bênção Apostólica. 3:18b.

18b. A ele seja a glória, tanto agora como no dia eterno. Cristo, o começo, o processo, e o cumprimento de nossa grande salvação, recebe eterno louvor.